

“AS RAÍZES DO VOO”

São as cores?

Ou declarar-me assim a esta árvore?

Num sobressalto, desassossego

Lento - as colmeias de ramos e de folhas,

o corpo em curvas densas,

as raízes,

e, delicadamente, o coração

Apaixonar-me e outra vez,

e agora por um tempo de nervura

acesa, o fogo - e sem palavra que chegasse

para habitar o mundo:

são as cores, dir-lhe-ia,

ou os meus olhos?

E se faltar olhar, ouvido, cheiro, mãos,

ver-te sem ver, sentir-te sem sentir:

neste musgo e por dentro

poder perder-me, fingir-me distraída

pelo puro prazer de me fingir,

sem sossego nenhum

– aprender a voar –

pelo desassossego de um dedo

preso à terra

Mas se as asas faltarem,

serão sempre as cores,

uma leve impressão de nervos, digital,

de qualquer coisa

Há-de ser isto assim:

luz para além de azul,

paz muito além do verde a respirar

– ou eu, igual ao sol,

comovendo-me em ar e

por raízes –

“AVALANCHES OU ANUNCIÇÕES: SUGESTÃO”

logo pela manhã, em avalanche,
entras-me por aí.
Solenes, como reis, chegam
contigo gatos, papagaios,
algum astro pulsante à
beira-mar e valsa, uma palavra
verde ou de outra cor.
Se chegasse na hora do calor,
correndo pela estrada nacional,
e em velocidade tal,
que conseguir parar junto
à falésia; fantasia maior-
não serias mais bela alegoria.
E em alegria, vejo-te a cair,
o riso de erosão a confirmar-se,
uma palavra minúscula a bastar,
para o meu sossego assim se pulverize.
Podia, se quisesse, ter desenhado
ali, a meio do ar, de ti
(em queda livre): arbusto de resgate...
Ou uma equipa inteira de resgate:
roldanas, capacete, moderno material,
e lanternas com luz, último grito.
Se o desejasse, podia,
se quisesses - E em fio
equilibrado para lá de normal,
hesitar-me: alegria?
A morte por ditongo iluminado,
ou o grito ao meu lado,
sobre mim, comigo?
Faço do corpo em verso
o mais puro colchão, e suave,
e resistente, chamo o resto
da gente que me hesita e deitamo-nos
rente ao final desta falésia.

“DO INVISÍVEL SOM DE VIOLONCELOS”

Andar como nas dunas sobre
o tempo, o desejo do sol
Do outro lado, lá, onde
o mar se poe e a terra treme
às vezes
Reverter fronteiras do relógio
E do avesso: a vida,
O sonho do avesso
este velho soldado
deslizando veloz numa cadeira,
sacos breves dobrados, a quase
cigarreira, mas de um outro lado,
um papel a falar de uma guerra
por dentro com quarenta anos
O invisível do olhar. ou ver,
Mas não olhar. como
Não ver as dunas sobre o tempo, o beijo
Prolongado
O rosto que se arrasta,
O tecto que não há
Tantas bandeiras ondulantes,
Vegas, ou um som que se ondula
Sobre o violoncelo
Que romantismo aqui? O pesadelo
Que os sonhos têm sempre,
Ravinas monstros lâminas brilhantes,
Réguas exactas
Seccionando espaços
Podia falar disto, se pudesse, andar
como nas dunas sobre o tempo
Parar o violoncelo
A tua voz no outro dia
Mas o mesmo. E chamarei
a isto amor? Os nomes todos?
Articular-te numa língua nova,
Aos sons, a ti, ao tempo, e
tornarei visível o teu corpo?

O NORMATIVO VERDE

Tão verdes e sensatas
estas folhas,
tão conformadas com a primavera,
tão de dentro do tom
que as mais obriga
Se fossem cor de Agosto
ou cor de rosa,
se um golpe de amnésia
as tornasse esquecidas
da lei da clorofila
Se a lua em vez do sol
em troca delicada,
a forma hexagonal
e desviada
e uma pupila ardendo,
deslizante
Se o sol lhes fosse
hipótese distante
e nunca o mais real,
a luz a baixo preço,
em saldo ou em cordel
por universo,
ou nada —
Ser-se-iam decerto
mais atentas,
mais reparantes dos pequenos
brilhos
E voariam (claro) junto à lua:
avessas borboletas
nuas
e secretas

“JARDINS OSCUROS”

Um jardim onde papoilas
ou jasmims, ou :
outra flor qualquer, que tanto faz,
que ao menos no poema
te digo sem saber
das coisas muito ínfimas, concretas,
de hoje a hoje,
que é mais como dizer :
quotidianos, que talvez
me fariam não dizê-lo.
Não te conheço bem.
Não te sei das manias, de se dormes
assim, de lado ou não,
ou se gostas de arroz com açafração,
ou dele, ausente, o arroz.
Não te sei viver dia após dia.
E como apaixonar-me?
E como uma paixão
que nunca ausência?
Mas isto de pensar em ti, about you,
*and let the words go wild o'er fields
of grain make other fields go wild...*
ah, que este tempo é duro, e incerto,
e curto, e estas paragens:
curtas como trevos.
A coragem é esta: a do poema.
Embora o açafração não me disfarce
a pena do amor que não se fez,
a paixão de um regresso impossível,
intacto, àquilo que não fiz.
Ah fields of grain, ah, prairies full of bees,
dispensando mais restos: abelhas,
trevos, sonhos.
Ou um jardim diferente.
Ou um jardim -

SINTOMAS E SÍNDROMES

Primavera em sintonia repetido
Estão aí outra vez, intrusos na
manhã. Não me deixam passar.
O gato quer sair, treme ao vê-los
nos ramos a cantar. Preciso de
pensar. Silêncio em síndrome.
Ruídos de madeira, o tempo a
badalar, são dez e meia. Intrusos
no meu sono de pensar. Preciso
de ar. Mas eles são piores, agora
na manhã já levantada, juntaram
companhia. E ópera de azul.
Um Wagner maior. Navio Real.
O enjoo do ar. Preciso de pensar.
Mas cantam. cantam. Canção que
não me deixa nem ramo de pensar.
Primavera outra vez e todas as
manhãs o seu sintoma. O gato em
frenesi a tremer mais ao vê-los
a saltar de ramo em ramo. É
primavera e cantam: canções ilegais,
o ninho em alvoroço.
Só um falcão de asa franjada e
preta que tem casa aqui perto
e que não canta. Só por ele eu
podia pensar. Só por ele o meu
ar, como um telhado. (E o gato
sem ousar-se, viciado, nem
exibindo assim, junto à janela,
estes sintomas de delirium tremens.)